

Interrogativas no Português Brasileiro e no Português Europeu e o Parâmetro do Sujeito Nulo: contribuições do *corpus* “Mafalda”*

Ricardo Joseh Lima
UERJ



1 Introdução

O parâmetro do sujeito nulo no Português Brasileiro tem sido objeto de vários estudos recentes (ver Duarte 1993, 1995 e os textos contidos em Kato & Negrão 2000). Esses estudos possuem em comum a observação de que o *status* da categoria vazia responsável pelo sujeito referencial nulo em Português Brasileiro (PB) difere do *status* que essa categoria possui no Português Europeu (PE). Enquanto nesse último caso a categoria vazia é identificada pela flexão verbal, e portanto é livremente licenciada, em relação ao Português Brasileiro há uma convergência entre as propostas de que a categoria vazia em determinados contextos estruturais é preterida em prol do sujeito realizado foneticamente (sujeito pleno). Os exemplos (1) e (2) ilustram essa situação:

* Agradeço aos participantes do CILP pelas questões que foram levantadas durante a comunicação. Espero ter contemplado as observações decorrentes dessas questões. As falhas que permaneceram são de minha responsabilidade. Essa pesquisa não teria sido possível sem a preciosa colaboração dos alunos de graduação Daniele Kazan, Vitor Bouças, e dos “bolsistas” de Estágio Voluntário Clara Villarinho e René Forster, todos da UERJ.

- (1) “Eu? Que foi que *eu* disse?” (t.1283, p.275, br)¹
(2) “Eu? Que *pro*² lhe disse?” (t.1279, p.323, pt)

No entanto, a utilização do sujeito pleno no Português Brasileiro não é categórica para todos os contextos estruturais, havendo alguns em que o uso do sujeito nulo é viável, como mostram (3) e (4):

- (3) “*cv* Está vendo, Filipe?” (t.18, p.9, br)
(4) “*cv* Já reparou que esse gato passa sempre por aqui?” (t.1156, p.248, br)

A questão que se coloca, portanto, é como dar conta da existência de sujeitos nulos no Português Brasileiro. Duas linhas de pensamento podem ser traçadas em relação a essa questão. Uma é defendida pelos trabalhos de Duarte (1993, 1995, 2000), que propõe que os casos de sujeito nulo no Português Brasileiro sejam o resíduo de uma gramática anterior, fruto do contato da gramática contemporânea com essa gramática anterior. Essa proposta será chamada de “*Hipótese do resíduo*” neste trabalho. A outra linha de pensamento é apresentada de modo mais disperso em vários textos (Figueiredo Silva 1996, 2000; Negrão e Viotti 2000 e Modesto 2000), que possuem como ponto em comum a idéia de que (pelo menos) algum tipo de contexto pode assumir a recuperação da referência do sujeito nulo. Neste trabalho, essa proposta será chamada de “*Hipótese do contexto*”.

Sem entrar nos detalhes teóricos que distinguem as hipóteses acima, é possível delinear um quadro resumido que cada uma traça para o Português Brasileiro. De um lado, a “*Hipótese do resíduo*” propõe que a gramática atual do PB esteja passando por um período acentuado de mudança em que a preferência pelo sujeito pleno se daria cada vez em mais contextos estruturais. De outro lado, a “*Hipótese do contexto*” propõe que a gramática atual do PB possua um mecanismo estável de identificação do sujeito nulo,

¹ As frases de todos os exemplos são retiradas dos livros “Toda Mafalda” (Martins Fontes) e “O Mundo de Mafalda” (Bertrand), que são as traduções brasileira e portuguesa, respectivamente, do livro “Toda Mafalda”, de Quino, em espanhol. As referências são feitas do seguinte modo: o número da tira (t.1283), o número da página (p.275) e a edição (br: brasileira, pt: portuguesa). Os números das tiras se diferenciam; no entanto, as duas edições possuem o mesmo número de tiras (1920).

² Será utilizado o termo *pro* para a categoria vazia do Português Europeu, por ser essa categoria vazia considerada como recuperável pela flexão. Como o *status* dessa categoria vazia no Português Brasileiro ainda é o cerne do debate, ela será representada por *cv*.

com contextos estruturais, mesmo que restritos, em que o sujeito nulo subsiste. Como consequência desses quadros, as hipóteses fazem previsões diferentes para determinados contextos estruturais.

Este trabalho realizou uma investigação quantitativa de um contexto estrutural, qual seja as orações interrogativas, a fim de verificar se alguma das hipóteses acima daria conta dos resultados obtidos. Na seção 2, são apresentadas as características do contexto investigado e do *corpus* utilizado. Na seção 3, são apresentados os aspectos metodológicos; na seção 4, os resultados da pesquisa quantitativa; a seção 5 discute os resultados encontrados.

2 Interrogativas diretas e o *corpus* “Mafalda”

Tanto a escolha da estrutura a ser investigada quanto a do *corpus* que serviu de base empírica obedeceram a um critério de originalidade. No caso das interrogativas diretas, seu interesse reside no fato de essa estrutura ser praticamente ausente de *corpora* baseados em entrevistas. De fato, Duarte (1995) encontrou apenas 25 ocorrências de interrogativas diretas em um *corpus* de 1 424 dados. Seria necessário, portanto, utilizar um *corpus* em que esse tipo de estrutura se revelasse mais freqüente. Histórias em quadrinho possuem muitos diálogos e, portanto, é previsível que haverá um número significativo de interrogativas.

Para tanto, selecionou-se a obra *Toda Mafalda*, uma coletânea das histórias em quadrinho do argentino Quino, que possui versões diferentes no Brasil e em Portugal (ver nota 1). O *corpus* que foi formado a partir dessas fontes, pois além da vantagem de permitir uma base quantitativa significativa de uma estrutura ausente de outros tipos de *corpus* (como entrevistas), possui outras características particulares. Uma dessas características é a possibilidade de encontrar, com bastante freqüência, estruturas semelhantes em Português Brasileiro e Português Europeu, como mostram os exemplos a seguir:

(5a) “Quanto *ele* GANHA?” (t.177, p. 40, br)

(5b) “Quanto *cv* ganha?” (t.177, p. 96, pt)

(6a) “Quando *vocês* vão sair de férias?” (t.1658, p.355, br)

(6b) “Quando é que *cv* vão de férias?” (t.1653, p.401, pt)

Além dessa característica, outra diferencia o *corpus* ora formado de outros (provenientes de entrevistas e textos formais), que

é a de ser composto de um registro limítrofe entre o escrito (formal) e o oral (informal). Trata-se de um tipo de registro escrito que representa o registro oral através dos diálogos. Uma outra característica, derivada dessa, é a de representar o registro da fala infantil, já que os personagens, em sua imensa maioria, são crianças.

Além da motivação da originalidade, a estrutura interrogativa direta foi escolhida por ser considerada relevante para o debate entre as hipóteses descritas na seção anterior. É possível observar que cada uma delas faz previsões diferentes em relação à preferência pelo sujeito pleno nas interrogativas diretas.

A “Hipótese do resíduo” faz prever que a preferência pelo sujeito pleno se dê não importando o tipo de interrogativa analisado. A base dessa previsão é a idéia de que a preferência pelo pleno é uma forte tendência no Português Brasileiro e que essa preferência se espalharia por todas as estruturas da língua. Duarte (1995) identificou as interrogativas com a estrutura com CP preenchido como sendo um foco mais forte de sujeito pleno e, naquelas em que a estrutura de CP estivesse vazia ainda haveria alguma resistência ao sujeito pleno, embora não muito significativa.³ A “Hipótese do contexto” faz prever que as estruturas com CP preenchido seriam praticamente categoricamente marcadas em favor do sujeito pleno. Isso se daria pelo fato de esse tipo de interrogativa direta impedir a ligação do conteúdo do sujeito nulo com um contexto anterior. Por outro lado, a ausência de elementos em CP faria prever que este seria um contexto em que o sujeito nulo deveria ser licenciado com mais frequência, como acontece com as declarativas (“*Ontem, *cv* fui ao cinema”, “*cv* Fui ao cinema”).

Ainda há outro tipo de interrogativa que diferencia possíveis previsões das hipóteses acima. Uma interrogativa com vocativo propicia, em tese, um contexto viável para a recuperação do sujeito nulo. Vejam-se os exemplos (7) e (8):

- (7) “Pai, *cv* empresta uma parte do jornal?” (t.1666, p.356, br)
- (8) “Mafalda, *você* pegou minha fita métrica?” (t.1822, p.390, br)

A recuperação do conteúdo do sujeito nulo se daria pela ligação entre a categoria vazia e o elemento posto no vocativo. Portanto, seria de prever, segundo a “Hipótese do contexto”, que esse

³ Tal diferenciação se daria, segundo Duarte (1995) por terem sido as estruturas de CP preenchido as únicas em que o sujeito pleno seria mais (ou pelo menos tão) freqüente quanto o nulo em Português Europeu. Duarte propõe que esse tipo de estrutura teria sido a originária da preferência do sujeito pleno em Português Brasileiro, uma proposta que será verificada na seção 4.

tipo de interrogativa representaria um contexto de resistência do nulo. Já a “Hipótese do resíduo” poderia fazer prever que, estando o processo de preferência pelo pleno adiantado, mesmo em uma estrutura em que haveria um contexto viável para o nulo, haveria uma tendência pelo pleno.

As previsões acima estabelecidas podem ser esquematizadas no Quadro 1:

Quadro 1: Previsões das hipóteses de acordo com o tipo de interrogativa

	<i>Hipótese do resíduo</i>	<i>Hipótese do contexto</i>
Interrogativa direta CP preenchido	categoricamente pleno	categoricamente pleno
Interrogativa direta CP vazio	contexto de nulo	contexto de nulo, mas sem significância
Interrogativa direta Vocativo	contexto de nulo	tendência ao pleno

Com as previsões de cada hipótese delineadas, pode-se compará-las e para tanto na próxima seção serão detalhados os aspectos metodológicos dessa comparação.

3. Metodologia

Como exposto na seção anterior, apenas as interrogativas diretas foram selecionadas do *corpus* composto pelas traduções brasileira e portuguesa do livro “Toda Mafalda”, de Quino. Entretanto, alguns tipos de interrogativas foram excluídos da amostra. Eles são, a saber:

- (a) interrogativas diretas finalizadas com marcadores discursivos (“*Você* não se interessa muito por moda, né?” (S) (t.634, p.136, br));
- (b) interrogativas diretas de estrutura complexa (com mais de um verbo) (“*pro* Já vos disse que quando for grande vou ter filhos?”(S) (t.213, p.103, pt))

A motivação para a exclusão das interrogativas do grupo (a) está no fato de que o marcador discursivo de algum modo altera o estatuto de interrogação para uma confirmação de uma informação. No caso do grupo (b), apenas o verbo inicial é o foco da interrogativa. Não seria possível, por exemplo, focalizar os demais ver-

bos, já que estes não expressam dúvida, mas sim um fato. Desse modo, decidiu-se selecionar apenas o verbo inicial de uma interrogativa direta com mais de um verbo.

A variável dependente foi a realização fonética do sujeito (nulo ou pleno) e as variáveis independentes foram:

- (a) fonte da tira (tradução brasileira ou portuguesa);
- (b) animacidade do sujeito (animado, inanimado);
- (c) pessoa verbal (“eu, você, ele(a), nós, vocês, eles(as)” para o Português Brasileiro e “eu, tu/você, ele(a), nós, vocês, eles(as)” para o Português Europeu);⁴
- (d) estrutura de CP:
 - preenchida por pronome interrogativo: “O que *você* está fazendo, Mafalda?” (F) (t.127, p.36, br);⁵
 - vazia: “*pro* Podias dar-mos a crédito?”(Mg) (t. 828, p. 228, pt);
 - vocativo: “Pai, *você* nunca se encheu da escola quando era criança?” (M) (t.1121, p.239, br);⁶
- (e) estrutura de IP (advérbios e elementos negativos na área de IP):
 - vazia: “Aonde *você* VAI, Filipe?” (M) (t.142, p.40, br);
 - preenchida: “Porque *pro não* andas no infantário, Manelito?” (M) (t.6, p. 62, pt);
- (f) menção ao sujeito no final da interrogativa:
 - sem menção: “De que *pro* estás à espera?” (M) (t.48, p. 70, pt);
 - com menção: “O que *cv* está fazendo, Mafalda?” (Ma) (t.788, p.169, br).

⁴ Nenhuma ocorrência de “a gente” foi selecionada; houve dois motivos para isso: não se observou esse pronome pessoal na tradução portuguesa em interrogativas diretas e na tradução brasileira não houve casos de nulo com esse pronome pessoal. O pronome “vós” não foi encontrado na tradução portuguesa na posição de sujeito e por isso também não foi selecionado. O pronome “tu” não foi encontrado na tradução brasileira na posição de sujeito.

⁵ Optou-se por selecionar apenas as interrogativas diretas com pronome interrogativo (o que, quem, quando, onde, etc.) por se considerar que outros grupos, envolvendo elementos focalizados, advérbios, interjeições e misturas desses elementos, eram por demais heterogêneos, prejudicando uma análise estatística mais homogênea. Também não se prestou atenção ao tipo de pronome interrogativo (não necessariamente ser um argumento ou adjunto) e à presença ou ausência de expletivo (que, é que).

⁶ A classificação de vocativos como “estrutura de CP” foi apenas terminológica, já que esse tipo de elemento deve estar ocupando alguma outra posição periférica na estrutura da sentença, visível em “[_{XP} Pai, [_{CP} quando você vai viajar]]?”). Note-se, no entanto, que esse tipo de vocativo não foi selecionado, tendo sido analisados apenas aqueles sem interferência de elementos entre o vocativo e o sujeito, como exemplificado em (c).

Os dados foram selecionados e codificados e então submetidos ao pacote de programas estatísticos *VARBRUL*, que selecionou as variáveis independentes mais significantes para a realização fonética do sujeito.

4 Resultados

O *corpus* para a análise comparativa das hipóteses descritas na seção 1 é composto de 1 027 dados. Destes, 475 pertencem ao Português Brasileiro e 552 ao Português Europeu. Inicialmente, serão discutidos os resultados referentes a expectativas provenientes de outros estudos (Duarte 1993, 1995, 2000). Caso os resultados obtidos com o *corpus* em questão atendam a essas expectativas, então podemos concluir que a amostra não se encontra enviesada, e portanto disponível para novas análises, como as que são propostas neste trabalho. Essas expectativas são:

- (i) maior número de sujeitos nulos em Português Europeu do que em Português Brasileiro;
- (ii) o fator “animacidade” é altamente significativo para a não-realização fonética do sujeito em Português Europeu.

A Tabela 1 resume os resultados quanto a (i):

Tabela 1: Resultados gerais para PB e PE
(excluindo os inanimados)

	<i>% de nulos</i>
Português Brasileiro	36,4 (173/475)
Português Europeu	96,2 (531/552)

A alta taxa de sujeitos nulos em PE ratifica sua condição de língua de sujeito nulo, ao lado do Espanhol e do Italiano. O baixo número de sujeitos nulos em PB indica que não se trata de uma língua de sujeito nulo, visto que a preferência foi pela realização fonética do sujeito.

Quanto a (ii), observemos a Tabela 2:

Tabela 2: Resultados gerais para PB e PE (somente os inanimados)

	<i>% de nulos</i>
Português Brasileiro	59,3 (16/27)
Português Europeu	100 (25/25)

Os resultados acima confirmam que em línguas de sujeito nulo, como o PE, o fator animacidade é altamente relevante. A título de ilustração, segue uma interrogativa direta nas duas traduções:

- (9) “Explica-me essa coisa dos dentes de leite, mamã. *pro* Caem todos de uma vez? PUMBA?”(M) (t.515, p.164, pt)
- (10) “Mamãe, me explica esse negócio dos dentes de leite. *Eles* caem todos de uma vez? POING?” (M) (t.519, p.111, br)

O contexto anterior à interrogativa contém apenas um candidato a sujeito do verbo “cair”. O Português Europeu utiliza essa informação, recuperando o conteúdo do sujeito através da flexão. Já no Português Brasileiro, mesmo com essa informação, optou-se por realizar o sujeito foneticamente.

Os resultados do Português Europeu obtidos com o *corpus* “Mafalda” fornecem uma informação significativa para a hipótese de Duarte (1995), aqui chamada de “Hipótese do resíduo”. Em sua tese de doutorado, Duarte observa que nas orações relativas em PE na 1ª e na 3ª pessoa o número de nulos é menor (30 e 39%, respectivamente) do que o de plenos. É o único contexto estrutural em que isso acontece, o que fez a autora prever que nas sentenças que possuísem um contexto estrutural semelhante (com a estrutura de CP preenchida) também deveria haver, se não o predomínio, pelo menos um número significativo de plenos. Duarte procurou observar isso nas interrogativas diretas e indiretas e embora tenha encontrado uma correlação significativa (o número de plenos foi maior nessas sentenças), a comparação foi prejudicada pelo número reduzido de dados, apenas 25.

Os 426 dados de interrogativa direta com 2ª pessoa singular (“tu”)⁷ aqui obtidos fornecem, entretanto, um quadro distinto, como mostra a Tabela 3:

⁷ Foram considerados apenas esses dados pois os das demais pessoas (1ª e 3ª singular, 1ª, 2ª e 3ª plural) não obtiveram significância estatística devido à pouca ocorrência em cada tipo de interrogativa direta (apenas a título de exemplo, foram 10 dados de 1ª pessoa plural em interrogativa com estrutura de CP vazia e 9 dados de 2ª pessoa do plural em interrogativa com estrutura de CP preenchida). Mesmo assim, as percentagens se mantêm na casa dos 90% para todas as pessoas.

Tabela 3: Resultados de PE
(somente os animados e 2ª pessoa singular)

	% nulos
Interrogativa direta CP preenchido	98,3 (178/181)
Interrogativa direta CP vazio	98,2 (219/223)
Interrogativa direta Vocativo	100 (22/22)

Os resultados da Tabela 3 mostram que não houve interferência, nas interrogativas diretas, da estrutura de CP estar vazia, preenchida por pronome ou ocupada por um vocativo. Com isso, a previsão de Duarte de que o tipo de estrutura de CP seria relevante para o PE não se confirmou. Os seguintes exemplos ilustram a situação:

- (11) “Como é que *pro* consegues ser tão macabro?”(M) (t.13, p. 63, pt)
 (12) “Que *pro* FAZES com essa coisa?”(P) (t.647, p.192, pt)
 (13) “O que é que *pro* lhe explicou?”(S) (t.1259, p.319, pt) (refere-se à mãe, 3ª pessoa).

Portanto, com exceção da previsão de Duarte sobre a estrutura de CP em PE, os resultados gerais comparativos do PB e do PE tanto dos sujeitos animados quanto dos inanimados confirmaram o que já se encontra na literatura sobre o assunto. Note-se que a ausência da confirmação da previsão de Duarte não pode ser encarada como um fato negativo do presente *corpus*, visto que a base quantitativa sobre a qual Duarte (1995) elaborou sua hipótese sobre as interrogativas era bastante reduzida.

Desse modo, é possível considerar o *corpus* “Mafalda” apto a fornecer mais análises a respeito da controvérsia entre a “Hipótese do resíduo” e a “Hipótese do contexto”.

Primeiramente, deve-se repetir a observação da nota 7: a maioria dos dados se concentrou na 2ª pessoa singular. É, de fato, um resultado esperado, considerando-se que as interrogativas surgem em diálogos e a menção ao interlocutor (a 2ª pessoa) é a forma “natural” da interrogativa nesse contexto. Assim é que dos 475 dados do Português Brasileiro, 336 foram de 2ª pessoa plural. Isso significa que há 139 dados de 5 pessoas verbais (1ª e 3ª singular, 1ª, 2ª e 3ª plural) distribuídos por três tipos de estrutura de CP (vazio, pro-

nome e vocativo). Como ainda há outros fatores relevantes como a estrutura de IP e a menção ao sujeito no final da interrogativa, o conjunto de 139 dados se reduz ainda mais, tornando inviável uma análise estatística adequada.⁸

Os primeiros resultados a serem analisados serão comparativos entre interrogativas com estrutura de CP preenchida e interrogativas com estrutura de CP vazia:

Tabela 4: Resultados do PB por tipo de interrogativa (2ª pessoa singular, animados)

	% nulos
Interrogativa direta CP vazio	43,9 (75/171)
Interrogativa direta CP preenchido	17,4 (23/132)

Ambas as hipóteses previram a relação “CP preenchido” < “CP vazio” em termos de nulos, o que foi confirmado pelos dados (17,4% < 43,9%). O que falta é analisar especificamente cada tipo de interrogativa para avaliar com propriedade as previsões específicas de cada hipótese (“categoricamente pleno”, “contexto de nulo”, “contexto de nulo, mas sem significância”). Iniciamos pela interrogativa com CP vazio.

4.1 Interrogativas com CP vazio

A taxa de nulos (43,9%) não superou a de plenos, o que significa que esse tipo de estrutura não foi preferencial para o nulo. Tal resultado pode ser analisado como inesperado para a “Hipótese do contexto”. Afinal, como apontado na seção 1, a premissa dessa hipótese é a de que o nulo não é permitido se há elementos intervenientes entre a posição sujeito e o contexto anterior. Dessa premissa, pode-se elaborar a hipótese de que na ausência de elementos intervenientes o sujeito nulo seria permitido e é essa hipótese que está sendo testada nessa pesquisa. Os números obtidos parecem não confirmar a hipótese elaborada.

⁸ Duas observações de interesse podem ser feitas. A 1ª pessoa singular revelou um número de nulos menor que o esperado, por exemplo, pela Hipótese do Contexto. No entanto, muitos dos dados são perguntas retóricas (“Fico lembrando. E pensar que eu conheci esses preços desde pequenos, e agora já estão tão crescidos! O que posso fazer? Fico emocionado!” (Mn) (t.1874, p.401, br)). O caráter mais formal da 1ª pessoa plural também levou a um número muito maior de nulos (“Claro, boboca! Como é que não íamos saber?”(Mn, F) (t.1445, p.309, br)).

Dessa forma, a ausência de predomínio do nulo sobre o pleno nessas condições pode receber a explicação alternativa de que a gramática do PB estaria em um processo de preferência pelo pleno que dominaria boa parte das estruturas sintáticas. Nesse caso, a ausência de preferência pelo nulo nessa estrutura pode ser explicada. Uma análise mais detalhada desses resultados parece fornecer ainda mais material para essa hipótese (“Hipótese do resíduo”).

Houve casos de variação na realização fonética do sujeito em sentenças com estruturas sintáticas semelhantes como mostram (14) e (15):

- (14) “*cv* Já te CONTEI que meu filho vai ser médico?” (S) (t.130, p.37, br)
 (15) “*Eu* já te contei do meu tio, aquele que espirrou num bazar?” (Mn) (t.1098, p.235, br)

Essa variação visível está de acordo com uma hipótese que considera que a gramática do PB está em um processo de mudança.

Outra análise significativa a ser feita diz respeito ao papel da menção ao sujeito no final da interrogativa. A Tabela 5 mostra esses resultados:

Tabela 5: Resultados do PB
 (CP vazio, 2ª pessoa singular, animados)

	% nulos
Com menção ao sujeito	46,7 (14/30)
Sem menção ao sujeito	43,3 (61/141)

As percentagens mostram que a contextualização do sujeito na interrogativa não foi suficiente para que o nulo seja admitido. Vejam-se os exemplos (16) e (17):

- (16) “*Você* ouviu o noticiário?” (F) (t.1334, p.285, br)
 (17) “*Você* gosta da primavera, passarinho?” (M) (t.499, p.107, br)

Esses resultados podem ser descritos como indicadores de que, estando o processo de preferência pelo pleno adiantado em PB, mesmo “pistas” contextuais sobre o sujeito são ignoradas pela gramática do falante, que opta pelo pleno.

Entretanto, há um fator relevante para o nulo no PB em interrogativa com CP vazio: a estrutura de IP, como mostra a Tabela 6:

Tabela 6: Resultados do PB
(CP vazio, 2ª pessoa singular, animados)

	% nulos
Estrutura de IP vazia	34,3 (24/70)
Estrutura de IP preenchida	50,5 (51/101)

Os exemplos (18) e (19) mostram a preferência pelo nulo com estrutura de IP preenchida:

(18) “*cv* Já imaginou o drama desses coitados?” (Mg) (t.844, p.181, br)

(19) “*cv* Já imaginou, Susanita?”(M) (t.310, p.68, br)

O exemplo (18) contrasta com o (16) apenas pela estrutura de IP: os verbos estão no passado e não há menção ao sujeito no final da interrogativa. A idéia de que a estrutura de IP preenchida favoreceria o nulo está presente em Duarte (1995), que aposta em uma explicação de ordem prosódica. O item que está preenchendo o IP (já, não, sempre, nunca, etc.) ocuparia prosodicamente o lugar do sujeito, resultando em uma alternância como “*eu* quero x *não* quero”.

Por fim, uma análise qualitativa dos dados de sujeito nulo mostra que a maioria se encontra em construções como “Já imaginou...?”, “Sabe o que...?”, “Quer que eu...?”, “Está vendo...?”. Tal concentração se enquadra exatamente no que propõe a “Hipótese do resíduo”: essas construções são residuais na língua, formas congeladas que não têm força quantitativa nem estrutural para que se reconheça o nulo como uma opção preferencial no PB.

4.2 Interrogativas com CP preenchido

Conforme visto na Tabela 4, a taxa de nulos em interrogativas com CP preenchido por pronome foi bem menor que a taxa de nulos em interrogativas com CP vazio (17,4% e 43,9%, respectivamente). Essa correlação é prevista por ambas as hipóteses em discussão. Devemos, então, revisitar os fatores “menção ao sujeito no final da interrogativa” e “estrutura do IP”, para verificar se o que foi encontrado para interrogativas com CP vazio foi encontrado com esse tipo de interrogativa. Vejamos as tabelas 8 e 9:

Tabela 7: Resultados do PB
(CP preenchido, 2ª pessoa singular, animados)

	% nulos
Com menção ao sujeito	25,5 (12/47)
Sem menção ao sujeito	12,9 (11/85)

A diferença entre a taxa de nulos com respeito à menção do sujeito no final da interrogativa foi considerada relevante. Esse resultado contrasta com o encontrado na Tabela 5, caso em que não houve diferença relevante. Esse resultado mostra, portanto, que ainda há instabilidade na importância de se ter o sujeito mencionado no final da interrogativa: para interrogativas com CP vazio, a menção ao sujeito não foi relevante para o nulo; para interrogativas com CP preenchido por pronome, a menção foi relevante, aumentando a taxa de sujeitos nulos. Tal resultado foi o esperado pela “Hipótese do contexto”, contrariamente ao que aconteceu com o resultado da Tabela 5. Passemos à Tabela 8:

Tabela 8: Resultados do PB
(CP preenchido, 2ª pessoa singular, animados)

	% nulos
Estrutura de IP vazia	16,7 (19/114)
Estrutura de IP preenchida	22,2 (4/18)

Assim como na interrogativa com CP vazio, a estrutura de IP preenchida apresentou o maior número de nulos. Entretanto, a diferença obtida na interrogativa com CP preenchido por pronome não foi considerada significativa. Portanto, assim como ocorreu na Tabela 7, os resultados da Tabela 8 não se apresentaram como favoráveis à “Hipótese do resíduo”. A “Hipótese do contexto” prevê que apenas a presença do elemento interveniente entre a posição sujeito e o contexto é relevante (tal como mostra a Tabela 4), não sendo os demais fatores, como a estrutura de IP, relevantes para a opção pelo sujeito nulo (como mostra a Tabela 8).

Uma análise qualitativa dos dados de sujeito nulo das interrogativas com CP preenchido revela o que ambas as hipóteses previram para esse tipo de estrutura: se há sujeitos nulos, eles devem estar concentrados em estruturas congeladas, restritas, sem espriamento, demonstrando que o nulo não é uma opção viável para a gramática do PB. Dos 23 dados com sujeito nulo, 20 estão no presente e desses, 17 acontecem com o auxiliar “está”. Os exemplos abaixo ilustram esses casos:

- (20) “Por que *cv* não aponta esse lápis, Manolito?” (M) (t.1748, p.374, br)
- (21) “O que *cv* está fazendo, Mafalda?” (Ma) (t.788, p.169, br)
- (22) “Que *cv* está fazendo aí com essa cara? Venha, vamos conversar um pouco” (S) (t.1005, p.215, br)

4.3 Interrogativas com vocativo

Até o momento, vimos que os resultados gerais (Tabela 4) foram favoráveis a ambas as hipóteses. Os resultados mais especificados (quando se levam em conta outros fatores) se mostraram contraditórios: ora se encaixaram com o previsto pela “Hipótese do resíduo” (Tabelas 6 e 7), ora com o previsto pela “Hipótese do contexto” (Tabelas 8 e 9). As interrogativas com CP vocativo podem se prestar ao papel de “fiel da balança” entre as hipóteses. Isso porque, como discutido na seção 1, a presença do vocativo deveria servir como contexto para a identificação do sujeito, o que licenciaria o nulo. Desse modo, sentenças interrogativas com sujeito nulo deveriam se comportar, segundo a hipótese do contexto, como as encaixadas com referentes em posição A ou A’, como mostram (23) a (25):

- (23) “**Ele** me disse que quando *cv* era pequeno não *cv* conheceu a televisão, nem o náilon, nem a energia atômica, nem os antibióticos, nem os transistores...” (M) (t.115 p.33, br)
- (24) “A Maria, ninguém sabe se *cv* já viajou”
- (25) “Mãe, *cv* tem certeza de que a gente está andando para frente?” (M) (t.466, p.101, br)

Entretanto, os dados do PB mostraram um outro cenário, que aqui está apresentado comparativamente ao do PE:

Tabela 9: Resultados de PB e PE
(Vocativo, 2ª pessoa singular, animados)

	% nulos
Português Europeu	100,0 (22/22)
Português Brasileiro	24,2 (8/33)

A Tabela 9 mostra que enquanto o PE faz uso categórico da informação disponível no vocativo para não retomar o sujeito, o PB não consegue utilizar essa informação contextual. Dos 8 dados com sujeito nulo no PB, todos estão no presente e dos 25 plenos, 12

estão nesse tempo verbal. Assim, parece que o tempo verbal é relevante no caso dos vocativos, embora uma análise estatística não tenha sido realizada devido ao baixo número de dados.⁹

Os resultados, portanto, apontaram para um conflito com o que a “Hipótese do contexto” preveria. Este conflito já não se apresenta se tomarmos como base de explicação dos dados a “Hipótese do resíduo”, já que esta aposta em uma progressiva preferência pelo sujeito pleno independente de fatores contextuais. Essa idéia é justamente o que os dados de vocativo parecem revelar.

5 Conclusões

A pesquisa com o *corpus* “Mafalda” procurou discutir as previsões distintas de duas hipóteses sobre a realização fonética do sujeito nas interrogativas diretas do PB e do PE. Os números gerais confirmaram a idéia comum de que o PB não se utiliza do mecanismo flexional para recuperar o conteúdo do sujeito nulo, como faz o PE. A questão que permaneceu para a discussão foi como lidar com a recuperação do sujeito nulo em PB.

Os resultados mais interessantes vieram dos dados com vocativos. Eles mostraram que mesmo uma estrutura em que o contexto para recuperação do sujeito nulo está explícito não é capaz de licenciar o nulo. Essa conclusão favorece à “Hipótese do resíduo”. Entretanto, uma observação deve ser feita.

A correlação entre as taxas de sujeito nulo em interrogativas com CP vazio e CP preenchido (maior no primeiro caso e menor no segundo), de acordo com essa hipótese, derivaria do fato de que a mudança em curso no PB teria sua origem nas estruturas com CP preenchido em PE. Tal situação não foi confirmada nos dados dessa pesquisa, conforme apontou a Tabela 3: não houve influência da estrutura de CP na realização fonética do sujeito em PE. Sem essa explicação, a correlação de taxas de nulo observada fica dependente de uma relação da posição do sujeito com o contexto, que estaria licenciando o nulo. No entanto, essa conclusão é contraditória ao espírito da Hipótese do resíduo.

Dessa observação deriva uma discussão que, apesar de estar na parte final do artigo, está apenas se iniciando na pesquisa com

⁹ Foram selecionados apenas vocativos simples, do tipo “Nome, _ V” (“Mafalda, você/_ pode me emprestar o lápis?”). Outras estruturas com vocativos, envolvendo pronomes interrogativos, interjeições, etc. também apareceram no *corpus*, mas com baixa frequência. O mesmo se pode dizer dos vocativos de 2ª pessoa plural, com apenas uma ocorrência (“Alguma vez, caros amiguinhos, vocês já se perguntaram o que é a vida?”(O) (t.1344, p.287, br)).

as interrogativas: qual o papel do contexto na recuperação do sujeito nulo em PB? Uma análise qualitativa dos dados pode revelar que a investigação do contexto em que a interrogativa é realizada pode ser relevante para a realização fonética do sujeito.

Tomemos, por exemplo, as interrogativas de 1ª pessoa do singular. Há, pelo menos, três situações contextuais distintas para a realização dessa interrogativa:

- (26) “Já me vejo à frente de um animal enfurecido! Que farei *eu*, Filipe, perante um animal enfurecido?” (F) (t. 758, p. 214, pt)
- (27) “Papai, *cv* posso te fazer uma pergunta?” (M) (t.44, p.16, br)
- (28) “Como *cv* posso levar a mal? É preciso saber aceitar a verdade quando ela vem da boca de uma amiga como você” (S) (t.989, p.212, br)

O exemplo (26) ilustra uma situação retórica, em que o falante dirige a pergunta a si mesmo; o exemplo (27) é um pedido e o (28) pode ser caracterizado como a investigação de um fato a respeito do próprio falante. Poderiam esses contextos distintos produzir efeitos na realização fonética do sujeito? É certo que em se tratando de histórias em quadrinhos, há um espaço delimitado para cada uma, representando um contexto evidente. Assim é que em uma entrevista, as pessoas conversam sobre fatos, eventos e objetos que não estão presentes no contexto conversacional. Em uma tira em quadrinho, muitas das vezes os fatos e eventos sobre os quais trata a conversa estão presentes no contexto conversacional.

Um exemplo da importância do contexto vem do Inglês, que permite sentenças como “*cv* Wanna a beer?” e “*cv* Used to be a sweet boy”. Nesses casos, o Inglês, que é uma língua que não admite sujeito nulo, licencia a não-realização fonética do sujeito. Por esse motivo, a categoria vazia dessas sentenças não pode ser *pro*, que é uma categoria vazia presente em línguas de sujeito nulo. A análise mais aceitável seria que o Inglês é uma língua que não admite sujeito nulo (*pro*), mas admite uma categoria vazia nesta posição de uso restrito.

Pode-se, então, pensar o mesmo para o PB? Os dados de vocativo mostram que não é a simples presença de um contexto que pode recuperar o nulo (note-se que em Inglês, acontece o mesmo “*John, *cv* wanna go?”). Nesse momento, deve-se fazer uma observação crucial: o contexto serviria como um mecanismo alternativo à flexão para a recuperação do nulo, mas se diferencia dela por não ser utilizado de modo categórico. As línguas de sujeito nulo mostram que a riqueza morfológica é capaz de recuperar o conteúdo

de um sujeito não realizado foneticamente; no entanto, o mesmo não se pode dizer do contexto.

Seria o caso de o contexto ser um mecanismo mais relaxado, parametrizado, para a recuperação do nulo? Haveria, então, não uma categoria vazia, mas mais de uma, a depender do tipo de contexto. Figueiredo Silva (2000) termina seu texto notando essa questão na seção “*Problems and problems*”. O quanto seria ideal para um modelo de gramática que se pretende ser factível para aquisição possuir categorias vazias dependentes de vários tipo de contextos, até se diferenciando de acordo com a pessoa verbal? A conhecida tensão entre adequação descritiva e explicativa retorna à cena, ensejando estudos mais detalhados a respeito do tema em questão.

Referências

- DUARTE, M. (1993) Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. UNICAMP. 107-128.
- _____. (1995) *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado : UNICAMP.
- _____. (2000) The loss of the ‘Avoid Pronoun’ principle in Brazilian Portuguese. In Kato, M., Negrão, E. (eds.) *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*, p.17-37. Madrid : Iberoamericana.
- FIGUEIREDO SILVA, M. (1996) *A posição sujeito no Português Brasileiro*. Campinas : Ed. UNICAMP.
- _____. (2000) Main and embedded null subjects in Brazilian Portuguese. In Kato, M., Negrão, E. (eds.) *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*, p.127-145. Madrid : Iberoamericana
- KATO, M., NEGRÃO, E. (eds.). (2000) *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid : Iberoamericana.
- MODESTO, M. (2000) Null subjects without ‘rich’ agreement. In Kato, M., Negrão, E. (eds.) *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*, p.147-175. Madrid : Iberoamericana.
- NEGRÃO, E., VIOTTI, E. (2000) Brazilian Portuguese as a discourse-oriented language. In Kato, M., Negrão, E. (eds.) *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*, p.105-125. Madrid : Iberoamericana